



**INFORMATIVO**

**O TUIUTI**



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

**250 anos de Porto Alegre – 200 anos da Independência do Brasil - Aclamação de Dom Pedro como Imperador do Brasil, com o nome de Dom Pedro I – 180 anos das Revoluções Liberais de SP e MG – 170 anos da Batalha de Monte Caseros – 110 anos do início da Guerra do Contestado – 100 anos da Semana de Arte Moderna em São Paulo – 90 anos do início da Revolução Constitucionalista de São Paulo e Mato Grosso – 80 anos dos afundamentos de 23 navios brasileiros por submarinos alemães em diversos lugares do mundo – Declaração de Guerra do Brasil à Alemanha e à Itália – 20 anos da conquista do pentacampeonato mundial de futebol na Copa do Mundo do Japão/Coréia do Sul pelo Brasil.**

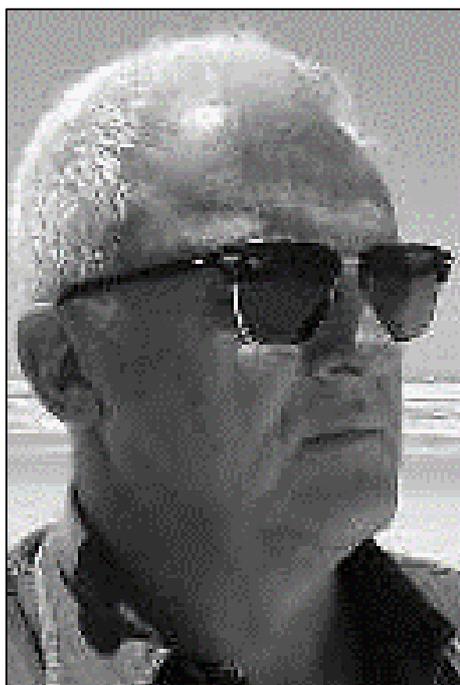
**ANO 2022**

**Outubro**

**Nº 412**

## A PROVÍNCIA CISPLATINA E A GUERRA DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Mário Luiz Rossi Machado\*



O processo da Independência do Brasil de Portugal, iniciado com a Conjuração Mineira e a Revolução Pernambucana, ambas duramente debeladas, foi bastante complexo.

Dom João VI, que em 1808 viera para o Brasil, ainda como Príncipe Regente, juntamente com a Família Real Portuguesa, fugindo da invasão das tropas napoleônicas, agora Rei de Portugal, em 1820 fora instado a aceitar a Constituição imposta pelas Cortes e obrigado a assiná-la ao retornar a Lisboa em 1821.

Nas Províncias Brasileiras havia grupos partidários e tropas que continuavam solidários com as Cortes Portuguesas, sendo favoráveis ao retorno da situação de Brasil Colônia.

No Rio de Janeiro, durante a Regência de D. Pedro as tropas portuguesas, diversas vezes, incidiram em conspirações e indisciplina, até a serem expulsas ou neutralizadas, após o Dia do Fico (09 Jan 1822), o que também ocorreria nas Províncias de Pernambuco, Rio Grande do Sul e Ceará.

Por sua vez, na Bahia, Piauí, Maranhão e Pará, para garantir a Independência e impor a unidade do Brasil, houve um verdadeiro confronto em armas, que durou até os idos de 1824.

E a Província Cisplatina, o atual Uruguai, como participou do processo da nossa Independência?



Desde 1816 estava no território da Cisplatina a Divisão de Voluntário Reais, veteranos da Guerra Peninsular, sob o comando do General Carlos Frederico de Lecór, juntamente com tropas brasileiras, que defendiam os interesses portugueses e de sucessão da coroa espanhola, travando combate contra as tropas de Artigas, que buscavam a independência de seu país.

Após a derrota e imigração de Artigas para o Paraguai, em 31 de julho de 1821, a Cisplatina foi incorporada ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, sob a denominação de Província Cisplatina. E em 1822 houve a adesão ao Brasil com o envio de deputados que iriam para as Cortes em Lisboa, mas que ficaram no Rio de Janeiro.

Um grande problema era o que aconteceria com as tropas portuguesas estacionadas na Cisplatina; iriam ou não reforçar as tropas lusas estacionadas no território brasileiro?

Então, em julho de 1822, o General Lecór, já partidário da Independência do Brasil, foi autorizado a dissolver dois regimentos portugueses, sendo oferecidas terras aos que desejassem ficar no país e integrarem a milícia nacional, enquanto os que desejassem retornar a Portugal seriam embarcados o mais breve possível.

As negociações e ações militares naquelas paragens seguiram-se por todo 1822 até os idos de novembro de 1823, quando as tropas portuguesas submetidas ao cerco e bloqueio naval em Montevidéu, após a capitulação da praça, embarcam para Portugal, tendo o General Lecór, em 14 de fevereiro de 1824, entrado com suas tropas brasileiras em Montevidéu.

Da Guerra da nossa Independência na Província Cisplatina podemos inferir que a adesão do General Lecór à causa do Brasil, as negociações, submissão ao cerco e bloqueio naval das tropas leais a Portugal, em Montevidéu, colaboraram com o sucesso das armas do novel Império, ao impedir que essas tropas fossem reforçar as forças lusas, ainda resistentes em outras Províncias.

Como curiosidade, hoje no Uruguai existem várias famílias descendentes de veteranos da antiga Divisão de Voluntário Reais de 1816.

Fontes:



DUARTE, Paulo de Queiroz. *Lecór e a Cisplatina 1816-1828*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985. 3v.

RODRIGUES, José Hilário. *Independência, Revolução e Contra Revolução - As Forças Armadas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1975.

\*Cel Art EM Veterano doEB



## *Coronel José Borges de Abreu*



**F**ilho do Alferes de mesmo nome e de Maria Joaquina Barcellos de Abreu, José Borges de Abreu, para a família, nasceu em São Gabriel no dia 02/03/1819.

Todavia, na Necrologia publicada pelo Correio do Povo de 21/10/1930 e pelos registros na Loja Maçônica Rocha Negra, consta que nasceu em Pelotas no dia 02/03/1817.

Várias fontes citam-no como sobrinho do grande vulto de 1835 Domingos José de Almeida, contudo nenhuma delas esclarece como esse vínculo se estabelece.

Em 29/11/1999, o genealogista Mauro Esteves levantou a hipótese, não confirmada por registros oficiais, que sua mãe era irmã de Bernardina Barcellos de Lima, esposa de Domingos José de Almeida.

Muito jovem ainda José Borges de Abreu sentou praça no 7º de Cavalaria, em São Gabriel, comandado pelo Cel Jeronymo Jacinto Pereira, tomando parte da Campanha de 1835 (Revolução Farroupilha), aos 18 anos. Preso pelos revolucionários no combate de Jacaré, em 07/09/1842, aos 25 anos, aderiu em seguida à causa Farroupilha; logo depois foi promovido pelo Gen David Canabarro, ao posto de Tenente e assim permaneceu até o final da grande revolução.

Terminada esta, passou Borges de Abreu a servir no corpo da Guarda Nacional, chefiada pelo Cel João Propício Menna Barreto, barão de São Gabriel.

Em 1851, apresentou-se ao 4º de Cavalaria, comandado pelo mesmo Cel João Propício Menna Barreto.

Por decreto de 22/01/1866, assinado pelo imperador D. Pedro II, foi ele promovido a Tenente do 5º Corpo de Caçadores, juntamente com os tenentes José de Almeida Barreto (depois general e senador) e Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz (filho do capitão Jayme Telles e Amélia da Silva Só).

Na Ordem do Dia nº 2, de 19/07/1866, feita pelo Cel Francisco Gomes de Freitas, em nome do Gen Osorio, falando sobre a Batalha do Tuyuti, travada em 24/06/1866, é mencionado o tenente José Borges de Abreu, do 2º Esquadrão, entre os “oficiais que fizeram realçar assinalada bravura e coragem pela maneira com que animaram e conduziram os praças no furor do combate”.

Na Ordem do Dia nº 272, de 14/01/1869, feita em Asunción, capital do Paraguai, pelo Gen João de Souza Fonseca, Visconde da Penha, em nome do Duque de Caxias, figura a promoção na arma de Cavalaria, ao posto de Capitão, entre outros, o Tenente Borges de Abreu, por atos de bravura nos feitos de armas que tiveram lugar no mês de dezembro de 1868.

Na Ordem do Dia nº 3, feita em Luque, em 21/04/1869, em nome do Conde D'Eu, pelo Visconde de Pelotas, consta o Capitão Borges de Abreu na relação dos feridos na batalha de 21/12/1868 em Lomas Valentinas.

Terminada a Campanha, regressa Borges de Abreu à pátria, com o casco do 4º Regimento de Cavalaria. Passou em 1871 a servir no 5º da mesma arma, sendo em 1874, transferido para o 8º Regimento.

Aos 62 anos, José Borges de Abreu solicitou reforma que lhe foi concedida, no posto de Major, por decreto de 10/07/1879.

Surgindo a Revolução Federalista de 1893/1895 Borges de Abreu, aos 76 anos, organizou um batalhão provisório, sendo distinguido pelo presidente Floriano Peixoto com o posto de Tenente Coronel e, depois, com o de Coronel.

Segundo o Obituário publicado no Correio do Povo de 21/10/1930, o Cel José Borges de Abreu possuía as seguintes condecorações:

- Medalha de Prata da Campanha de 1851/1852;
- Medalha da tomada de Paysandu;
- Cavaleiro da Ordem da Rosa;
- Oficial da Ordem da Rosa;
- Cavaleiro da Ordem de Christo;
- Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz;
- Medalha do Mérito Militar;
- Medalha da Campanha do Paraguai;
- Medalha de Ouro, do Governo da Argentina, pela Campanha do Paraguai;
- Medalha de Ouro, do Governo do Uruguai, pela Campanha do Paraguai;
- Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro.

O trineto, José Antônio Só de Castro, mantém as seguintes condecorações:

- **Medalha da Campanha do Uruguai:**  
Criada pelo Decreto 932, de 14/3/1852, para premiar os serviços dos que, integrados no Exército do Comando do Tenente General Conde de Caxias, tomaram parte na Campanha contra Rosas, de 1851 a 1852. Características: Circular, tendo no anverso a efígie do Imperador, ao centro, com dizeres D. PEDRO II, à esquerda e IMPERADOR DO BRASIL, à direita. No reverso, dentro de uma coroa de varas amarradas por duas fitas cruzadas, a data 1852 e, fora, a legenda CAMPANHA DO URUGUAI. De ouro, com 0,06 de diâmetro para Oficiais Gerais que a traziam pendurada ao pescoço. De ouro, com 0,03 de diâmetro, para os oficiais superiores. De prata com 0,03 de diâmetro para praças de pré. Todas trazidas ao lado esquerdo do peito. Fita de cor verde. Diploma: não encontrado. No Quadro de Medalhas é a do canto inferior esquerdo.

- **Medalha do Exército em Operações na República do Uruguai:**

Criada pelo Decreto 3468, de 8/5/1865, para premiar os que fizeram parte do Exército do Comando do Marechal de Campo, Barão de São Gabriel, que venceu Paysandu, em 2/1/1865, e ocupou Montevideu, em 20/2/1865. Características: De ouro para generais, que a traziam dependurada no pescoço. De prata, para os demais oficiais, pregada no lado esquerdo do peito. De liga de cobre e estanho, para as praças de pré, também usada do lado esquerdo do peito. O formato é oval. No anverso, a efígie de D. Pedro II e, no reverso, a legenda CAMPANHA DO URUGUAI, no centro de uma coroa de louro. A fita era azul ferrite e encarnada, em partes iguais. Diploma: não encontrado. No Quadro de Medalhas é a do canto inferior direito.

- **Cavaleiro da Ordem de Cristo:**

Criada em 14/8/1318, pelo Rei D. Dinis, de Portugal, com os remanescentes dos Templários. Características: Originalmente era uma ordem religiosa. A partir de 1843: Grão Mestre, o Imperador, Comendador-Mor, o Príncipe Imperial – Grã Cruz, usavam a insígnia da ordem pendente de uma banda vermelha com frisos azuis, passada a tiracolo, da direita para a esquerda, com placa. Comendadores, usavam-na pendente ao pescoço com placa. Cavaleiro, pendente de fita estreita, ao lado esquerdo do peito. Fita vermelha com bordas azuis. Diploma de 29/9/1866, concedido a José Borges de Abreu no grau de Cavaleiro. No Quadro de Medalhas é possível que seja a do centro, na parte de cima – a fita é da de São Bento de Aviz).

- **Medalha de Oficial da Ordem da Rosa:**

Criada em 17/10/1829 por S.M.I. D. Pedro I, para conservar com glória na lembrança da posteridade, seu faustíssimo consórcio com D. Amélia, era conferida ao benfeitor que se distinguisse por sua fidelidade à Augusta Pessoa do Imperador e serviços feitos ao Império. Características: Estrela com seis pontas, esmaltada de branco e maçanetadas de ouro, assente sobre uma grinalda de rosas folhadas e em sua cor. No disco central do anverso, em ouro cinzelado, o monograma P. A. (PEDRO E AMÉLIA), circundado pela legenda AMOR E FIDELIDADE. No reverso a data 2.8.1828 (data do casamento em Munich, Alemanha) circundada pela legenda PEDRO E AMELIA, no mesmo esmalte. A coroa imperial decora a insígnia Cavaleiro, Comendador, Grande Dignatário e Grã-Cruz, honorários e efetivos. Os Grã-Cruzes tinham a insígnia pendente de um colar de rosas em sua cor, intercaladas de escudos de ouro com as iniciais do Imperador e sua Consorte. Fita de seda rosa claro, com orlas brancas afastadas de 0,003 das bordas. Grão Mestre, o Imperador, Comendador-mor, o Príncipe Imperial, Grã-Cruz (16 efetivos e 8 honorários); Grandes Dignatários (16); Dignatários (32); Comendadores, Oficiais e Cavaleiros (em número limitado). Diploma de 21/01/1871, concedido pelos serviços militares, como Capitão, nos combates das Cordilheiras. No Quadro de Medalhas é a do meio embaixo.

- **Medalha de Cavaleiro da Ordem da Rosa:**

Já descrita anteriormente. Diploma: não encontrado. Não está no Quadro de Medalhas. É mantida em separado.

- **Medalha de Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz:**

Criada em 13/8/1162, em Coimbra, Portugal, por D. Afonso Henrique. Até 1843, ordem religiosa. Daí em diante, ordem militar destinada a remunerar serviços prestados ao Estado. Características: Cruz de Aviz, em verde, dentro de uma cruz de malta, maçanetada acima pela coroa imperial. Fita de gorgorão de seda verde, orlada de vermelho. Os Grã-Cruzes usavam a insígnia da ordem pendente de uma banda verde orlada de vermelho, passada a tiracolo, da direita para a esquerda, com placa. Os Comendadores usavam a insígnia pendente do pescoço e placa. Os Cavaleiros usavam a insígnia pendente de fita estreita, ao lado esquerdo do peito. Diploma de 26/3/1873, pelos serviços militares como Capitão do Exército. Existe o diploma, mas a medalha não foi encontrada.

- **Medalha de Recompensa à Bravura Militar:**

Criada pelo Decreto 4131, de 28/3/1868, era concedida para recompensar os que se tornaram dignos dela por sua bravura em qualquer ação de guerra durante a Campanha do Paraguai. Características: Confeccionada em bronze. Usada pendente a uma fita de dois dedos de largura, presa ao peito, ao lado esquerdo. A fita tem três listas verticais, de igual largura, escarlata a do centro e verde as dos lados. Formato oval. Anverso, no centro do troféu de armas a bandeira, circundada pela legenda EXÉRCITO EM OPERAÇÃO CONTRA O GOVERNO DO PARAGUAY. Reverso: no centro a legenda RECOMPENSA A BRAVURA MILITAR, circundado pelos dizeres DECRETO DE 28/3/1868. Cada medalha tinha tantos passadores quantas as vezes em que o agraciado a ela fez jus. Nesse passador, a data em que foi praticado o feito meritório. Diploma de 28/3/1872, concedido pelos serviços militares, como Capitão do 2º Regimento de Cavalaria, nos combates de 11 e 21/12/1868. No Quadro de Medalhas é a do canto superior direito.

- **Medalha Geral da Campanha do Paraguai:**

Criada pelo decreto 4560, de 6/8/1870, era concedida para recompensar aos que fizeram parte do Exército em Operações contra o Governo do Paraguay. Características: Representa uma cruz de malta, tendo ao centro uma coroa fechada de ramos de carvalho entrelaçados de fitas cruzadas. No anverso a legenda CAMPANHA DO PARAGUAY e, no reverso, a data 6-1870-8. A medalha é feita com o bronze dos canhões tomados aos paraguaios. A fita representa as cores da Tríplice Aliança com cinco listas de igual largura, no sentido vertical e dispostas na seguinte ordem: da esquerda para a direita: verde, branca, azul, branca e amarela. A medalha era usada do lado esquerdo, pendente da fita e esta presa a um passador, de ouro para Oficiais Gerais e superiores, de prata para capitães, e oficiais subalternos e, de bronze, para as praças de pré. No centro do passador, os números de 1 a 5, para indicar os anos em que estiveram em campanha. Tinham direito à medalha os oficiais e praças de qualquer posto e graduação, do Exército, da Guarda Nacional, do Corpo de Voluntários da Pátria e Corpos da Polícia, assim como os funcionários civis que serviram ao Exército em operações. Diploma de 4/8/1873, o passador do Major José Borges de Abreu tem o número 5. No Quadro de Medalhas é a do canto superior direito.

- **Medalha Comemorativa da Campanha do Paraguay:**

Criada pela Lei de 20/8/1889, pelo Governo Argentino, aprovando o Protocolo assinado no Rio de Janeiro em 13/05/1888. Diploma: concede ao Major José Borges de Abreu o direito de usar medalha de ouro. A referida medalha não foi encontrada.

Quadro de Medalhas:



Medalha de Cavaleiro da Ordem da Rosa:



Comentários do trineto, José Antônio Só de Castro.

Nasci e me criei ouvindo o meu pai, Kleber Lima de Castro, minha avó paterna, Wraspetina Lima de Castro, e minha bisavó materna, Elcília Borges de Lima, filha do Cel José Borges de Abreu, falarem sobre os seus grandes feitos. Paralelamente, ouvia de minha mãe, Suely Só de Castro, as histórias referentes à fundação do Estaleiro Só, fundado pelo meu bisavô materno, José Manuel da Silva Só, em 1850.

Em função desse ambiente repleto de histórias da família, despertou em mim o interesse pela pesquisa genealógica e isso fez com que eu e minha esposa, Neiva, fôssemos a São Gabriel, em 1/02/1999, para garimpar mais informações a respeito do meu trisavô, José Borges de Abreu.

Fizemos, então, contato com o historiador gabrielense, Osório Santana Figueiredo que ao saber quem eu sou, logo se dispôs a ajudar-nos.

Fomos ao Cartório de Registro de Nascimentos e Óbitos de São Gabriel, onde constatamos que o registro do óbito do Cel José Borges de Abreu está assentado no Livro 24C, folha 154, termo 294, onde consta que faleceu às 15:30 h., do dia 16/10/1930, no prédio nº 9 da rua General Câmara, nesta cidade, aos 111 anos, de senilidade.

Complementando essa informação, consta do Obituário, publicado no Correio do Povo, de 21/10/1930:

***“Momentos antes de morrer, a um seu velho amigo, que lhe falava na gloriosa avançada revolucionária em direção ao Norte e aos lances épicos que se registraram em São Paulo e Rio, conseguiu o venerando guerreiro dizer com dificuldade estas palavras:***

***“Ah! Eu lá...!”***

E foram estas suas últimas palavras.

Segundo o referido historiador, o Cel José Borges de Abreu foi durante muito tempo uma lenda viva pois era o último remanescente da Revolução Farroupilha, da Guerra do Paraguai e da Campanha de 1893.

Pela foto publicada na Edição Especial da Revista do Globo, comemorativa ao Centenário da Revolução Farroupilha, vê-se o Cel Borges de Abreu, com 105 anos, numa interessante representação do passado, presente e futuro:



No Museu João Pedro Nunes, mantido pela Prefeitura de São Gabriel, mas que em 1/2/1999, estava fechado e de mudança, segundo nos informou o sr. Osório, existe uma biografia do Cel Borges de Abreu, uma foto e o seu quepe.

No Museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, tem uma foto do Cel Borges de Abreu. Tenho a cópia da carta enviada pelo Major Antônio da Rocha Almeida ao Dr. Emílio Kemp, Diretor do Museu Júlio de Castilhos, datada de 2/10/1947, onde o referido Major a encerra com os seguintes termos:

***“Ao entregar ao ilustre amigo estas despreziosas notas, agradeceria ao nobre Diretor do Museu do Estado determinasse a remoção da tela – agora já identificada – do he-***

***roico soldado (José Borges de Abreu), para o salão principal da casa de Júlio de Castilhos, certo que ele não irá desmerecer as glórias e louros de Caxias, Andrade Neves, Mallet e Rio Branco, antes contribuindo para aumentar-lhes os brilhos e os florões”.***

O sr. Osório Santana Figueiredo disse-nos que o Cel Borges de Abreu tinha muito senso de humor e que se expressava através de mentiras, tanto que era conhecido como Cel Borges – o mentiroso. Contou-nos que, certa vez, algumas pessoas (cujos nomes não lembro mais) estavam conversando na calçada quando viram se aproximar o Cel Borges e, então, pediram para que lhes contasse uma mentira. Ele, com uma expressão fechada disse:

***“...como vocês querem que eu lhes conte uma mentira se eu acabo de perder um grande amigo, o Hildebrando (que era o Prefeito da cidade), estou indo para casa para buscar minha esposa para nós irmos ao velório”.***

Os outros se apressaram para fazer o mesmo, mas quando chegaram na Prefeitura, o Hildebrando estava lá, muito vivo, tomando chimarrão.

O sr. Osório Santana Figueiredo ainda teve a gentileza de nos mostrar a casa onde José Borges de Abreu viveu. Aproveitando a oportunidade tirei a foto abaixo que mostrei ao meu tio José Lima de Castro, irmão do meu pai, que ao vê-la exclamou surpreso: “A casa do vovô!”



No cartão postal enviado por sua neta, Wraspetina, em 10/03/1928, o endereço que consta é rua General Câmara nº 9, igual ao que consta no registro de óbito.

Por tudo isso, tenho muito orgulho ter em meu sangue resquícios do sangue desse grande herói e espero que as próximas gerações da família continuem perpetuando seus feitos.

Fontes:

- 1) Edição especial da Revista do Globo, comemorativa ao Centenário da Revolução Farroupilha;
- 2) Obituário publicado no Correio do Povo de 21/10/1930;
- 3) Cópia da carta do Major Antônio da Rocha Almeida para o Sr. Emílio Kemp, Diretor do Museu Júlio de Castilhos, datada de 2/10/1947;
- 4) Informações e lembranças da família;
- 5) Livro “O Exército na Medalhística”, publicado pela Imprensa Militar, MCML, Exposição Geral do Exército, organizada pelo Gen Canrobert Pereira da Costa. Biblioteca do IHGRGS; e
- 6) Manuscrito, inédito, do Gen Antônio da Rocha Almeida, intitulado “Catálogo Geral das Ordens Honoríficas e Medalhas Militares Brasileiras. Biblioteca do IHGRGS.

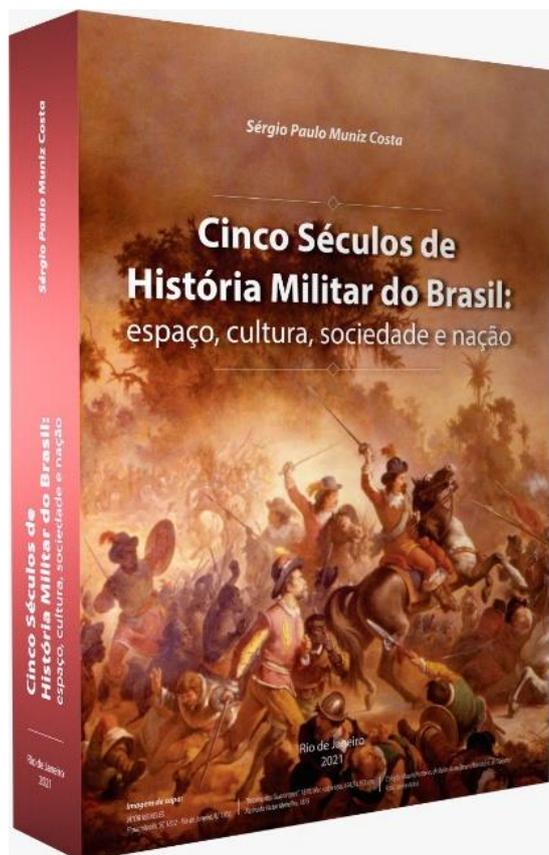
Porto Alegre, 21/10/1999.

*José Antônio Só de Castro*

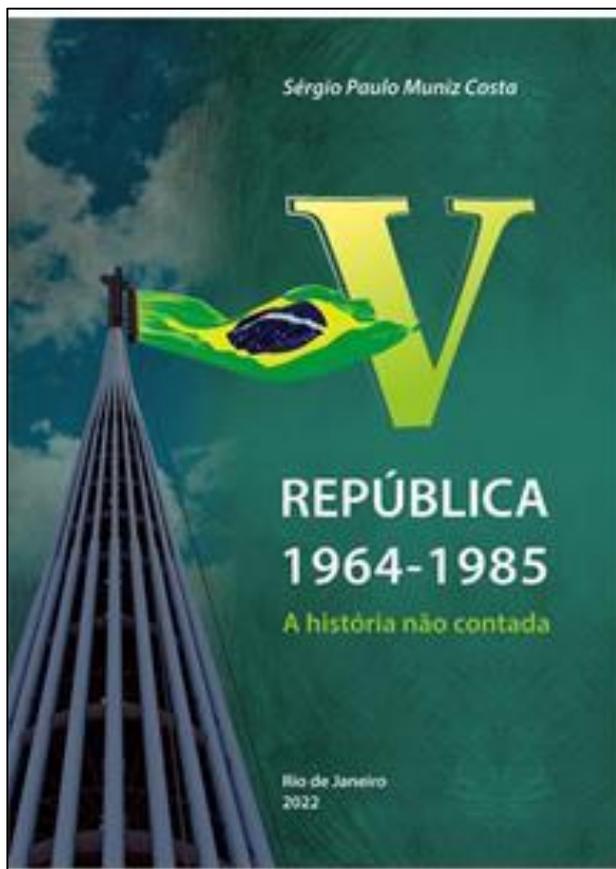
**Observações sobre o Cel Abreu obtidas de um pesquisador cuja família conheceu o referido:**

1. A casa da rua General Câmara nº 9 deve ter sido a moradia do Cel Borges na velhice mais pronunciada, porque ele residia em uma chácara nos subúrbios de São Gabriel.
2. A foto do Cel Borges com um oficial do EB e um escoteiro, foi junto ao monumento ao Centenário da Independência do Brasil, localizado na Praça Fernando Abbott. Nele, foi colocada uma “caixa do tempo” com a ata da inauguração, assinaturas de cidadãos, jornais da época e moedas correntes, como era costume. Em época mais recente, se soube que marginais haviam arrombado o monumento, provavelmente em busca de dinheiro, e danificado a caixa do tempo.
3. A informação de ser o Cel Borges “mentiroso” é equivocada. Ele era homem respeitado e conhecido pelo seu bom humor. Seria um êmulo do Engº Romualdo de Abreu e Silva, de Pelotas, que inventava histórias para divertir os amigos, entre eles João Simões Lopes Neto, que se inspirou na figura do Engº Romualdo para criar seu conhecido “Casos do Romualdo”. O Cel Borges era figura querida e sempre bem-vinda nos círculos sociais gabrielenses.
4. A história do “prefeito Hildebrando” também não condiz com a realidade. Houve confusão de personagens. São Gabriel não teve nenhum prefeito ou intendente de nome Hildebrando. O mais próximo desse nome teria sido Francisco Hermenegildo da Silva. A história, na realidade, deu-se com a passagem do Cel Borges em seu conhecido peticinho (diminutivo de petição, pequeno cavalo), com o qual ia e vinha da chácara, em frente à “república” de alguns oficiais do EB, que mateavam após o expediente no quartel. Ao avistarem o velhinho, convidaram-no a reunir-se a eles, antevendo momentos descontraídos e bem-humorados. O velho agradeceu o convite e, de semblante sério, disse que não poderia parar, porque estava indo ao velório do Comandante da Guarnição, falecido há poucas horas de infarto fulminante. E lá seguiu ligeirinho.... Os oficiais alarmaram-se e trataram de se fardar para prestar suas últimas homenagens ao comandante! Ao chegarem à residência do Cmt Gu, encontraram-no mui tranquilo! Havia caído na bem humorada esparrela do Cel Borges...

**Livros adquiridos pela AHIMTB/RS e que estão à disposição dos interessados**



**COSTA, Sérgio Paulo Muniz. Cinco séculos de História Militar do Brasil. Rio de Janeiro: Wallprint Gráfica e Editora, 2021.**



**COSTA, Sérgio Paulo Muniz. Quinta República 1964-1985: a história não contada. Rio de Janeiro: Wallprint Gráfica e Editora, 2022.**

**A CAVALARIA HIPOMÓVEL  
S OLHOS DE UM DESENHISTA**



Cel Cav Ref Pedro Paulo Cantalice Estigarríbia

**ESTIGARRIBIA, Pedro Paulo Cantalice, Cel Cav Vet. A Cavalaria Hipomóvel aos olhos de um desenhista. Porto Alegre: Fundação Parque Histórico Marechal Manoel Luis Osorio, 2022.**

**Editor:**

**Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS  
lecaminha@gmail.com**

**Sites:**

**[www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e**

**[www.acadhistoria.com.br](http://www.acadhistoria.com.br)**

**Site do NEE/CMS: [www.nee.cms.eb.mil.br](http://www.nee.cms.eb.mil.br)**

**Site do Núcleo Militar de Gramado: [www.nuclev.com](http://www.nuclev.com)**